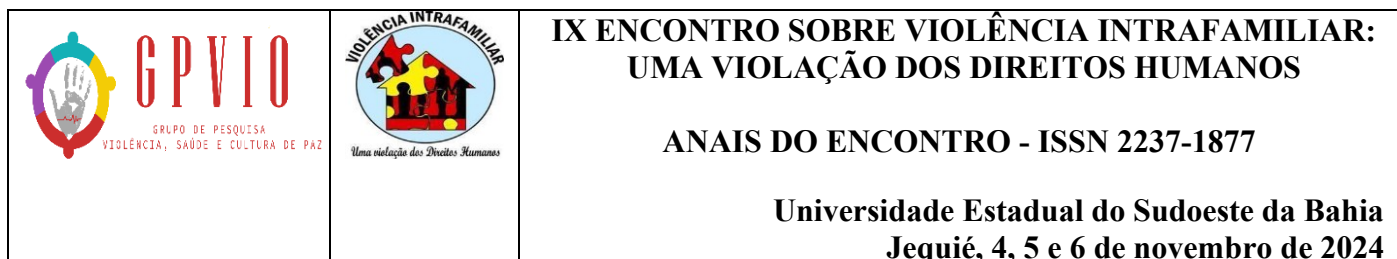


Trabalho Original e Revisão de Literatura – integrativa, de escopo e narrativa



SER MULHER CUIDADORA NA SOCIEDADE: AS FACES QUE REPRESENTAM A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA

Clara Oliveira Lelis¹;
Luma Costa Pereira Peixoto³;
Luana Machado Andrade².

Introdução

A Doença de Alzheimer (DA) acarreta progressivamente no aumento do nível de dependência das pessoas que acomete. Nesse sentido, torna-se cada vez maior o compromisso e a dedicação do responsável que assume esses cuidados. Esse grupo, na maioria das vezes, é composto por mulheres de meia idade e familiares da pessoa doente. No entanto, a problemática que envolve essa questão vai muito além da atribuição do cuidado, perpassando também a perspectiva de gênero, que considera todas as vivências que atravessam a trajetória da mulher.

Antes mesmo das tarefas associadas ao cuidado à pessoa com DA, a mulher carrega consigo os fardos das funções que lhes são atribuídas tradicionalmente como a gestão do lar, além de ocupar espaços no mercado de trabalho. Essa sobrecarga reverbera nas condições de saúde, conforme aponta uma tríade inerente no binômio mulher-cuidado que se estrutura em: responsabilização, sobrecarga e adoecimento (Montenegro, 2018).

Assim, ao assumir a responsabilidade pelo cuidado torna-se inevitável que a cuidadora se sinta sobrecarregada, sendo evidenciada uma espécie de internalização da ética do cuidado, indicando um estado incindível entre cuidado e gênero, no qual persiste um processo de vinculação do mesmo como uma obrigação e um elemento central da identidade feminina (Renk; Buziquia; Bordini, 2022). Esse contexto revela um cenário de violência simbólica, em que apesar de não se mostrar de forma explícita, a mulher é vítima do imaginário social que invisibiliza as lutas cotidianas vivenciadas pelo gênero.

Objetivo

O presente estudo busca compreender de que forma a violência simbólica está inserida na vivência da familiar cuidadora da pessoa com DA, sob uma perspectiva de gênero.

¹Acadêmica do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Campus de Jequié. Bolsista de Iniciação Científica da FAPESB. E-mail: lelisoclara@gmail.com.

² Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Docente do Curso de Graduação em Enfermagem da UESB. E-mail: luana.machado@uesb.edu.br.

³Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Docente do Curso de Graduação em Enfermagem da UESB. E-mail: luma.costa@uesb.edu.br.

Métodos

Trata-se de uma pesquisa qualitativa e descritiva com abordagem exploratória. As participantes do estudo foram familiares cuidadoras de pessoas com DA, integrantes de um Grupo de Ajuda Mútua (GAM) vinculado a uma universidade estadual no município de Jequié/Bahia. A pesquisa foi realizada entre os meses de outubro de 2023 e abril de 2024. A coleta de dados se deu através de uma entrevista contendo questões sociodemográficas e questões direcionadas acerca da vivência do ser mulher e cuidadora. As respostas foram gravadas e posteriormente, os dados foram transcritos na íntegra. A categorização dos dados foi realizada utilizando o *Software Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires* (IRAMUTEQ) com uso dos recursos de análises lexicográficas clássicas, além da Classificação Hierárquica Descendente (CHD). Além disso, também foi utilizado o método de análise de conteúdo de Bardin (2016). A pesquisa foi submetida e aceita no Comitê de Ética e Pesquisa sendo aprovado sob parecer de nº 5.812.116 e CAEE nº 65667222.2.0000.0055. Para garantir o anonimato, adotamos adjetivos baseados nas características pessoais das participantes tendo em vista sua vivência na rotina do cuidado.

Resultados e Discussão

A amostra final foi composta por 14 participantes. Os dados revelaram o aparecimento da categoria “Dificuldades inerentes à vivência do cuidado”, sendo acompanhada por duas subcategorias: 1) O legado do cuidado; e 2) Construção social da identidade feminina. Ao analisar os discursos das participantes, foi possível notar que a tarefa do cuidar se encontra vinculada à essência do ser mulher, evidenciando a associação desse valor com a ancestralidade, conforme exprime garra: *“No meu caso, aprendi porque eu era mulher e achava que tinha que aprender a cuidar da casa e do marido [...]. Em relação ao cuidado, eu é que tenho que tomar atitudes para cuidar”*.

Portanto, ao encarar a vivência do cuidado, a mulher não percebe esse processo como um encargo, mas sim como algo inerente a ela, sendo um evento natural da vida, o relato de delicadeza confirma esse pensamento ao afirmar com naturalidade a multiplicidade de funções que assume: *“Eu assumo tanto os cuidados com ela quanto os cuidados com a casa”*.

A partir dessa perspectiva, nota-se que o ser mulher na sociedade contemporânea carrega consigo um peso maior que a atribuição do cuidado. Essa reflexão envolve um conjunto de elementos que compõem o chamado “*script* de gênero”, o qual é caracterizado por uma série de questões culturais, sociais e laborais em que a divisão de tarefas para a mulher é desigual e mais pesada (Sousa *et al.*, 2023).

Alguns estudos já trazem que o fator marcante da identidade de cuidadora encontra-se mais baseado na atribuição de função de gênero do que no grau de parentesco com a pessoa (Tavero *et al.*, 2018). Portanto, o estudo destaca a existência de um aspecto comum entre as participantes, que se traduz no binômio saúde/doença inerente ao papel do ser mulher e cuidadora na sociedade.

Os discursos evidenciam o sofrimento que se desvela a partir das demandas cotidianas que existem além das tarefas cuidativas, pois o espaço que a figura feminina ocupa na sociedade culmina no peso de responsabilidades que são naturalizadas, de modo que o excesso atribuições se torna invisível (Santos; Azevedo; Souza, 2021).

Assim, destacamos que o grande problema não são as tarefas provenientes do cuidado, mas sim da invisibilidade do exercício de outras demandas que já fazem parte da rotina da cuidadora. Nessa perspectiva, os fardos que acompanham os ideais de gênero denotam um panorama no qual se constrói e propaga uma violência simbólica.

Assim, a chamada socialização de gênero reforça esses padrões e acaba velando os abusos que desabrocham dessa imposição do cuidado, por isso, essa forma de violência

aparece naturalizada e invisível. Tramita na câmara o projeto de Lei 2762/24 cujo principal objetivo é a garantia do bem-estar das pessoas envolvidas no processo de cuidado e reconhece a importância da corresponsabilização social e de gênero nas tarefas do cuidado.

No entanto, apesar da iniciativa, observa-se uma morosidade diante desse cenário, o que nos leva a compreender que o atraso está relacionado à mesma causa que o origina: trata-se de uma questão feminina. Então, enquanto a vivência do cuidado à pessoa com DA for encarada sob uma perspectiva romantizada de composição de gênero, em detrimento de ser posta como uma forma de exploração feminina, o cenário permanecerá inerte.

Conclusão

O estudo aponta a existência de outros fenômenos que perpassam a vivência da mulher cuidadora e que vão além das demandas com o cuidado direto à pessoa com DA. Sendo aspectos presentes nesse processo as atribuições dos papéis sociais de gênero que normalizam a multiplicidade de funções e os excessos que permeiam a rotina da cuidadora.

Portanto, apontamos que a relação mulher/cuidadora precisa ser vislumbrada a partir do questionamento dos papéis de gênero e não apenas sob a perspectiva das dificuldades inerentes ao processo do cuidado cotidiano. Salientamos ainda, a importância do direcionamento de outros estudos acerca da problematização do cuidado gerontogeriátrico no país que considerem as discussões de gênero.

Além disso, destacamos a importância da efetivação de políticas que respaldem essa rotina do cuidado, visto que já existem projetos de lei bem estruturados. Desse modo, enquanto não houver a desmistificação dos ideais de benevolência e abnegação inerentes ao ser feminino, a mulher continuará a ser eterna vítima da sociedade apenas por sua existência.

Descritores: Cuidador familiar. Desigualdade de gênero. Doença de Alzheimer.

Eixo Temático: A saúde coletiva no enfrentamento da violência

Referências:

BRASIL. **Projeto de Lei n. 2762, de 2024.** Institui a Política Nacional de Cuidados. Brasília: Câmara dos Deputados, 2024.

MONTENEGRO, Rosiran Carvalho de Freitas. Mulheres e cuidado: responsabilização, sobrecarga e adoecimento. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM SERVIÇO SOCIAL*, v.16, Vitória, **Anais**, Vitória: Periódicos UEFS, p. 1-19, 2018.

RENK, Valquiria Elita; BUZQUIA, Sabrina Pontes; BORDINI, Ana Silvia Juliatto. Mulheres cuidadoras em ambiente familiar: a internalização da ética do cuidado. **Cadernos de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 3, p. 416–423, jul./set. 2022.

SANTOS, Carolina Mota; AZEVEDO, Alcinéia Parreiras; SOUZA, Érica Lima. A Mulher em Tripla Jornada: Discussão Sobre a Divisão das Tarefas em Relação ao Companheiro. **Revista Gestão & Conexões**, Vitória, v. 10, n. 2, 103–121, maio/ago. 2021.

SOUSA, Girliani Silva de; SILVA, Raimunda Magalhães da; BRASIL, Christina Cesar Praça; CECCON, Roger Flores; SANTOS, Reinaldo Amanda Márcia dos; MINAYO, Maria

Cecília de Souza. Iniquidades de gênero entre cuidadoras de idosos dependentes. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 32, n. 4, p. 1-12, out./dez. 2023.

TAVERO, Inmaculada Lancharro; GARCÍA, Eugenia Gil; SEDA, Juana Macías; SERRANO, Rocío Romero; CABRERA, Isabel María Calvo; RODRÍGUEZ, Almudena Arroyo. The gender perspective in the opinions and discourse of women about caregiving. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 52, e03370, 1-12, jan./dez. 2018.